



DISCURSO DIRETO FICTIVO: A PERSPECTIVAÇÃO CONCEPTUAL COMO ESTRATÉGIA INTERSUBJETIVA ARGUMENTATIVA

FICTIVE DIRECT DISCOURSE: CONCEPTUAL PERSPECTIVE AS AN ARGUMENTATIVE INTERSUBJECTIVE STRATEGY

Luiz Fernando Matos Rocha¹
Sandra Aparecida Faria de Almeida²
Luciana Andrade Paula³

RESUMO: Este artigo investiga manifestações de fictividade linguística em discurso direto e seus diferentes modos de operar discursiva e intersubjetivamente, tendo como base dados reais de fala espontânea do PB, em diatopia mineira. Apoia-se na Linguística Cognitiva, elegendo o conceito de perspectivação conceptual (*construal*) como guia para a hipótese de que, nas interações face-a-face, falante e interlocutor lançam mão do *Frame* de Conversa para estruturar a Interação Fictiva (PASCUAL, 2014), em especial o Discurso Direto Fictivo (ROCHA, 2022), como estratégia intersubjetiva argumentativa. A noção de (inter)subjetividade (VERHAGEN, 2005; TRAUGOTT; DASHER, 2005), inerente ao conceito de *construal* (VERHAGEN, 2005; TALMY, 2000; LANGACKER, 2008), é tomada como codificação explícita ou implícita da atenção por parte do falante ao interlocutor ou convite para que o interlocutor assumira uma determinada perspectiva discursiva, em busca de alinhamento (ALMEIDA, 2019) de pontos de vista. No tocante à metodologia, constituiu-se um banco de dados com base em gravações de fala espontânea em um salão de beleza, situado na cidade de Juiz de Fora (MG). Adotou-se uma abordagem metodológica baseada em *corpus* (*corpus-based*) e guiada por *corpus* (*corpus-driven*) (MCENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001), possibilitando que o banco de dados norteasse os achados à luz de uma categoria já delimitada. A análise qualitativa evidenciou não apenas manifestações de Interação Fictiva em discurso direto, mas possibilitou identificar diferentes padrões sintáticos atrelados, no uso, a contornos melódicos específicos. Os resultados obtidos atestam a empiria do fenômeno e evidenciam o emprego do Discurso Direto Fictivo como *frame* atencional, ou janela de atenção, e a mudança de perspectiva como estratégia argumentativa intersubjetiva em prol do alinhamento de pontos de vista entre falante e interlocutor.

Palavras-chave: intersubjetividade; fictividade; discurso direto fictivo; perspectivação conceptual; ponto de vantagem.

ABSTRACT: The present work is aimed at studying a type of Fictivity in direct speech and the distinct ways it operates both discursively and intersubjectively by drawing on real speech data of Brazilian Portuguese spoken in the state of Minas Gerais. The study relies on Cognitive Linguistics, outlining the concept of *construal* as guiding the hypothesis that in their face-to-face interactions speaker and addressee

¹ Professor titular e pesquisador da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (FALE/UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. luiz.rocha@ufjf.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5251-1652>

² Professora Associada 1 da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
sandra.sf@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1311-7510>

³ Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
luciana.andrade.paula@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4978-2408>

use the Conversation Frame in order to structure Fictive Interaction (PASCUAL, 2014), especially the type here under study – Fictive Direct Speech (ROCHA, 2022) – as an intersubjective and argumentative device. The notion of (inter)subjectivity (VERHAGEN, 2005; TRAUOGOTT; DASHER, 2005) intertwined with the notion of *construal* (VERHAGEN, 2005; TALMY, 2000; LANGACKER, 2008) is viewed as either linguistically codifying the attention of the speaker towards his/her addressee or as cognitively signalling alignment of perspectives (ALMEIDA, 2019). In regard to methodology, a corpus was compiled from spontaneous speech recordings at a beauty salon for the present analysis. We have adopted a methodology which blends a corpus-based and a corpus-driven approach to data (MCENERY; HARDIE, 2012; TOGNINI-BONELLI, 2001) thus allowing the corpora to guide our analysis. Apart from that, the qualitative approach to data not only conveyed Fictive Interaction samples of Fictive Direct Speech but also made it possible to identify distinct semantic-syntactic patterns exhibiting specific prosodic features. The results make the empirical acceptability of the phenomenon clear and reveal the use of Fictive Direct Speech as an attentional frame, and perspective-taking as an intersubjective and argumentative device for ultimately aligning different vantage points through discourse.

Keywords: intersubjectivity; fictivity; fictive direct speech; *construal*; vantage point.

INTRODUÇÃO

Termo cunhado por Pascual (2002), a Interação Fictiva (IF) é uma categoria sociocognitiva de análise linguística que vem sendo muito explorada por Rocha desde 2004, quando encontrou em dados de fala do Português Brasileiro manifestações peculiares de discurso direto. Em sua tese de 2022, o autor sistematiza e atualiza os achados envolvendo o fenômeno, investigando o par cognitivamente discrepante formado por Discurso Direto Fictivo (DDFic) e Discurso Direto Factivo (DDFac), em Português Brasileiro e Português Europeu. Como polos contíguos do fenômeno da Fictividade (TALMY, 2000), instanciam o padrão de representações fictivas e factivas, alternadas e desiguais do mesmo objeto; no caso, o discurso, quanto à sua dimensão metailocutiva. Com base em aportes teóricos relacionados à Linguística Cognitiva, assim como à Linguística de *Corpus*, a pesquisa promove, metodologicamente, uma abordagem mista, baseada em e movida a *corpus*, confiando na plausibilidade psicológica e na viabilidade empírica de suas hipóteses.

Os resultados de Rocha (2022) mostram que o DDFic é uma construção gramático-discursiva que utiliza o *Frame* de Conversa para modelar o discurso, codificando metafórica e metonimicamente pensamento e sentimento internos como conversa, bem como apresentando-se interacionalmente como “solução” para conflitos (inter)subjetivos. Por sua vez, o DDFac requisita o *Frame* de Conversa para organizar o discurso, retomando enunciados anteriormente produzidos e recorrendo a um movimento metafórico de transferência discursiva de posse (ROCHA, 2004). Segundo o autor, o DDFac se apresenta interacionalmente como problema decorrente de conflitos ou questões objetivos. Esses tipos de discurso direto se relacionam à hipótese de “advertência” conforme a qual quem reporta é (também) autor, na medida em que atualizam e enquadram localmente pensamentos, sentimentos e discursos, experienciados ou simulados, em circunstâncias pertinentes a coordenadas espaço-temporais distintas do aqui-e-agora da reportagem discursiva. De modo fictivo ou factivo, o conceptualizador “move” pensamentos, sentimentos e discursos, redimensionando vozes internas e externas a ponto de se tornar autor (compartilhado) delas. “O discurso atribuído ao outro (podendo ser ele mesmo), reiterado na recontextualização, passa a compor a voz do conceptualizador que reporta, aparentando não ser (também) autor, sendo” (ROCHA, 2022, p. 7).

Este artigo é herdeiro da pesquisa descrita anteriormente, porém tem como foco específico a perspectivação conceptual (*construal*) do Discurso Direto Fictivo como estratégia intersubjetiva e argumentativa. Sua base empírica advém de conversas

gravadas em um salão de beleza, as quais se revelam não apenas como ilustração de uma categoria analítica, mas também como potencial de teorização acerca da linguagem. Isso à medida que, embora os conceptualizadores das interações comunicativas não necessariamente se deem conta disso, são capazes de espontaneamente evidenciar suas estratégias intersubjetivas e argumentativas, muitas vezes demonstrando, com a prática da linguagem, habilidades metalinguísticas e metacognitivas. A explicitação disso fica a cargo deste texto, o qual arregimenta fundamentos teóricos com vistas a subsidiar metodologia e análise. Respectivamente, contemplam-se as abordagens baseada em e movida a *corpus*, segundo orientação adotada por Rocha (2022), e a devolutiva dos dados quanto ao que se entende como perspectivação conceptual do DDFic no uso.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ao articular linguagem, cognição e empiria, este artigo se situa no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), cuja concepção geral toma a linguagem como conhecimento dinâmico que organiza, processa e transmite informação, vislumbrando, entre os conceptualizadores, a partilha do engajamento cognitivo-social. Tendo em vista bases conceptuais e experienciais das categorias linguísticas concebidas em rede, a corrente de estudos se pauta pela integração entre capacidades cognitivas gerais, como visão, linguagem, memória, raciocínio, imaginação e conhecimento, para propor hipóteses sobre a significação. Considerado indispensável para intermediar o binômio linguagem-mundo, o sujeito cognitivo, agente da construção do significado, pode ser encarado como protagonista nesse paradigma teórico. A significação por ele elaborada não é fixa nem dada, mas, sim, construída e co-construída sociocognitivamente pelas e nas interações humanas com base em semioses linguísticas e extralinguísticas que a orientam.

Isso posto, é apropriado, então, centrar foco no berço da fala cotidiana, mais especificamente na conversa, atividade rotineiramente experienciada com robustez qualitativa e quantitativa por conceptualizadores agrupados, resultando em sólidos e entrincheirados esquemas, modelos e processos cognitivos. A conversa é sociocognitivamente gerenciada, e, em certa medida, o sujeito cognitivo a reconhece como tal, visto que não só opera com ela pragmaticamente no dia-a-dia, mas é capaz de identificar sua estrutura formal e funcional a ponto de usá-la metacognitivamente e metalinguisticamente. Logo, partindo-se desse reconhecimento por parte do conceptualizador, deu-se início a uma investigação sobre certas estratégias intersubjetivas e argumentativas voltadas para enquadrar como conversa o que não é canonicamente uma conversa, conforme é o caso da Interação Fictiva (IF), fenômeno observado primeiramente por Pascual (2002).

Pascual (2002, 2014) argumenta que a Interação Fictiva se utiliza do *Frame* de Conversa para estruturar o pensamento, o discurso e a gramática. Ou seja, a estrutura de conhecimento sobre conversa, factiva ou genuína, pode ser destinada à elaboração de outras estruturas, fictivas ou não genuínas. A IF emerge no discurso como uma estratégia linguístico-cognitiva que enquadra como conversa o que não é necessariamente uma conversa. Para ilustrar, Rocha (2022) apresenta o exemplo: “Então, eu ‘falei’: vou ser autor”. Segundo o linguista, o verbo *dicendi* “falei”, nesse caso específico, faz, metafórica (PENSAMENTO É FALA) e metonimicamente (FALAR POR PENSAR), as vezes de “pensei” ou “senti”, introduzindo a fala fictiva em discurso direto: “vou ser autor”. Assim, a estrutura de conversa em discurso reportado é fictivamente usada para enquadrar algo que fora exclusivamente pensado ou sentido, mas não conversado.

Pontualmente, este artigo investiga o uso da IF como estratégia intersubjetiva em contexto de fala espontânea e seus efeitos argumentativos mediante à delimitação de um de seus subtipos: o Discurso Direto Fictivo (DDFic), focado por Rocha (2022). Para isso, trabalha-se basicamente com o conceito de perspectivação conceptual⁴ (*construal*), forma de visualizar e expressar uma determinada situação (LANGACKER, 1987, 1991; TALMY, 2000; VERHAGEN, 2005), bem como com as noções intrínsecas ao conceito: perspectiva, modo pelo qual o sujeito conceptualiza um dado evento comunicativo, elegendo uma maneira de representar a cena e de organizá-la, recorrendo à focalização; orientação, direção para a qual o falante, o ouvinte ou algum observador esteja voltado; ponto de vantagem, arranjo de visão específico, que produz efeitos também específicos na descrição de uma situação; subjetividade/objetividade, escolha mais subjetiva ou mais objetiva pelo conceptualizador ao perspectivizar a cena (LANGACKER, 1987, 1991, 2008); e intersubjetividade, tanto sob o prisma cognitivo-pragmático-discursivo (VERHAGEN, 2005, 2007, 2008), como capacidade de se assumir a perspectiva de outros, quanto linguístico propriamente dito (TRAUGOTT; DASHER, 2005), como codificação linguística reveladora do foco de atenção do falante/escritor à imagem do ouvinte/leitor por meio de um viés de cunho social epistêmico; e, por fim, o alinhamento cognitivo entre os conceptualizadores nas situações interacionais (ALMEIDA, 2019; ALMEIDA; FERRARI, 2012).

Desse modo, investigam-se as diferentes maneiras de se expressar linguisticamente o DDFic ao se caracterizar uma cena, uma situação ou uma relação entre os participantes de uma interação, até mesmo a relação entre participante e um dado objeto. Defende-se a hipótese de que o DDFic constitui uma estratégia intersubjetiva e argumentativa; e os diferentes tipos de *construal* ou perspectivação conceptual sinalizam a mudança de determinado ponto de vista ou perspectiva, convidando o interlocutor a se alinhar com ele(a).

METODOLOGIA

Segundo Silva (2006), o entendimento pela Linguística Cognitiva do significado como conceptualização, que ressalta a importância dos aspectos sociais da cognição e da linguagem, está diretamente relacionado a uma metodologia empírica que contemple o uso de dados coletados em *corpora* representativos. Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho mostram-se plenamente atrelados ao caráter empírico, tendo em vista a intenção de se investigarem categorias teóricas em dados reais de fala espontânea, segundo dimensões informais e cotidianas. Para melhor desenvolver esses aspectos, optou-se por atribuir ao *corpus* status de protagonista das análises. Sendo assim, colocamo-nos sensíveis e flexíveis aos dados, não fazendo deles simples ilustrações linguísticas de teorias já formuladas, mas permitindo que emergjam dos próprios dados hipóteses acerca de fenômenos linguísticos contemplados (MCENERY; HARDIE, 2012).

Para que a investigação tenha por característica preponderante o empirismo, sem negligenciar teorias já existentes, este artigo adota uma abordagem mista de análise para *corpus*: baseada em *corpus* (*corpus-based*) e movida a *corpus* (*corpus-driven*). Tal combinação possibilita um mapeamento do fenômeno linguístico já postulado na literatura (*corpus-based*), assim como a percepção de ocorrências ainda não contempladas para análise (*corpus-driven*). A primeira abordagem serviu de *input* para a

⁴ A escolha por traduzir “*construal*” por “perspectivação conceptual” tem como base a seguinte referência: Silva (2008).

observação e o estudo do *corpus*. Nessa vertente, Tognini-Bonelli (2001) intitula *corpus*-como-método o ato de se fazer uso dos dados com o intuito de legitimar, contestar ou apurar a exploração de uma teoria ou hipótese. Já na segunda, a proposta é que o pesquisador seja conduzido pelos dados, sendo exatamente o oposto da anterior na qual o norteador da análise é a teoria. De acordo com a perspectiva *corpus-driven*, os autores McEnery e Hardie (2012) intitulam *corpus*-como-teoria o ato de o próprio *corpus* ser o provedor de hipóteses e teorias acerca da linguagem.

Para isso, constitui-se um banco inédito de dados, denominado Salão de Beleza, cuja coleta se iniciou em 2018. Um celular da marca Motorola, modelo Moto X, foi usado para fazer as gravações por ser um dispositivo de fácil acesso e manuseio, que pôde proporcionar boa qualidade de áudio. O *corpus* gerado é por completo de fala espontânea do Português Brasileiro, de diatopia mineira, proveniente especificamente da cidade de Juiz de Fora (MG), região da Zona da Mata. As gravações foram realizadas em um salão de beleza, localizado em um bairro central do município. O local do estabelecimento é passagem para outros bairros e tem intenso comércio, além de um número significativo de estabelecimentos voltados à prestação de serviços. Esses aspectos garantem um fluxo grande de pessoas com cultura, grau de escolaridade, idade e profissão bem variados.

Como um todo, o *corpus* gerado é composto por três horas de gravação e envolve três participantes. Contudo, optou-se por trazer para este trabalho um recorte de trinta e cinco minutos extraído de uma conversa gravada entre uma cabeleireira e uma cliente durante o atendimento realizado pela profissional para a execução de um procedimento capilar. A porção da conversa a ser analisada foi segmentada em quatro seções temáticas, baseadas em tópicos discursivos (BROWN; YULE, 1983, p. 73: “aquilo acerca do que se está falando”), ou seja, o assunto tratado na conversa foi norteador da segmentação e, por consequência, utilizado para nomear cada tópico. A fim de atender de maneira mais direta às necessidades da pesquisa, a transcrição foi feita de maneira simplificada, contendo apenas a sinalização pertinente ao trabalho, a qual foi embasada no modelo Jeferson, descrito em Loder e Jung (2008). As convenções que se fizeram relevantes para se alcançarem os resultados pretendidos são listadas a seguir:

Quadro 1: Convenções de transcrição usadas (Modelo Jeferson, 2008)

Símbolo	Descrição
?	Pergunta
Pala-	Corte abrupto
Pa::lavra	Prolongamento do som
=	Elocução contínua, sem intervalo
[]	Início e término de falas sobrepostas
Risos	(risos)

ANÁLISE DE DADOS

Assim como o discurso direto canônico, o Discurso Direto Fictivo envolve um *construal* sintaticamente composto por verbo *dicendi* (frequentemente, acompanhado por alguma mudança melódica) mais cláusula encaixada. Contudo, as ocorrências a serem qualitativamente analisadas apontam para leituras não genuínas ou não verídicas da

fórmula *dicendi*, e não necessariamente para a reportação de fala factualmente proferida. Trata-se, então, de um uso específico do *Frame* de Conversa para estruturar algo que não é uma conversa ocorrida de fato, mas algo que potencialmente poderia ter ocorrido ou que poderá ocorrer. Por meio dele, os conceptualizadores “pensam em voz alta” (PASCUAL, 2014; ROCHA, 2022), entendendo-se que eles tomam o fluxo de pensamentos e de sentimentos como conversa interna prévia (ou posterior) ao evento da cena comunicativa corrente.

O estudo do referido banco de dados de fala possibilitou o mapeamento das ocorrências de DDFic posteriormente classificadas em função de apresentarem configurações sintáticas distintas. A princípio sem a marcação de pessoa, essas diferentes bases formais compõem padrões únicos de *construal*, os quais serão posteriormente detalhados ao se contemplarem suas respectivas informações dêiticas e prosódicas conforme os dados analisados de modo pontual. Assim, as configurações sintáticas dos padrões locais de *construal*, relacionados ao Discurso Direto Fictivo, compreendem:

Quadro 2: Configurações sintáticas do *construal* em DDFic

1	[SN ØVDic [S]] ⁵
2	[SN VDic [S]] ⁶
3	[SN VDic SAdv [S]] ⁷
4	[SN VDic Sprep [S]] ⁸
TOTAL	4

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2019)

Quando inseridas interacionalmente, essas configurações sintáticas, associadas ao *construal* em DDFic, têm em comum uma característica discursivo-pragmática relevante: a mudança de perspectiva. Desse modo, podem ser também compreendidas como contrapartes formais emparelhadas a contrapartes funcionais (GOLDBERG, 1995, 2006), estabelecendo-se, no uso, como perspectivação conceptual ou *construal*. Os padrões sintáticos constituídos e encontrados revelam diferentes configurações conceptuais (*construals*), ou seja, diferentes estratégias discursivas de tomada de perspectiva, seja a própria, seja a do interlocutor. Especificamente, os participantes das cenas comunicativas factivas dos dados do banco Salão de Beleza, cabeleireira e cliente, como conceptualizadoras da interação verbal, face-a-face, assumem perspectivas diferentes em interações que não são verídicas (fictivas), à medida que o discurso flui.

Em decorrência desse jogo de perspectivas promovido pelas conceptualizadoras, identificou-se a existência de uma dinâmica de *construal*, que diz respeito à desfocalização do plano discursivo deiticamente ancorado na cena comunicativa corrente. Quando profere um DDFic, o conceptualizadora subfocaliza a Interação Factiva⁹ (PASCUAL, 2002; PASCUAL; SANDLER, 2016), acionando tempo e espaço diferentes

⁵ SN (Sintagma Nominal); ØVDic (Verbo *dicendi* nulo); S (Sentença).

⁶ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); S (Sentença).

⁷ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); SAdv (Sintagma Adverbial); S (Sentença).

⁸ SN (Sintagma Nominal); VDic (Verbo *dicendi*); Sprep (Sintagma Preposicional); S (Sentença).

⁹ O termo se refere ao evento discursivo corrente de interação (retirar o que está em vermelho, “de interação”, pois está repetido no final deste período) entre conceptualizadores da interação. Essa expressão aparece no trabalho de FitzGerald e Oakley (2016), constante de Pascual e Sandler (2016), relacionado à tradição retórica.

do “aqui-e-agora” (*ground*¹⁰) da conversa. Porém, pelo menos na modalidade contemplada neste trabalho, que é a falada, o DDFic não existe sem interação factiva na medida em que necessita lidar com a *gestalt* figura e fundo, promovida pela perspectivação conceptual. Na verdade, não se consegue linguística e cognitivamente acionar tempo e espaço distintos sem o fundo, ou seja, sem a base de um centro dêitico do discurso. Logo, pode-se conceber que há uma relação de proeminência entre Interação Fictiva e Interação Factiva, pois, a cada momento da interação, uma dada fala, seja ela fictiva ou não, assume o lugar de destaque.

As evidências representativas do que foi delineado até o momento serão apresentadas e analisadas em sequência, sendo distribuídas em tópicos ou assuntos estabelecidos pelas participantes da interação no decorrer da conversa. Para a análise pontual, foram escolhidas as ocorrências mais representativas do fenômeno em análise, no sentido de se ilustrarem as diferentes configurações sintáticas de cada *construal*.

As ocorrências de DDFic, por meio do *Frame* de Conversa e associadas à mudança de perspectiva, revelam-se operando como uma estratégia intersubjetiva e argumentativa de expressividade (avaliação) do evento comunicativo para que haja o alinhamento cognitivo entre as participantes da interação factiva, no caso, cabeleireira e cliente.

Tópico 1: Procedimento capilar

Esse tópico diz respeito à negociação entre cabeleireira e cliente acerca do procedimento capilar a ser adotado no atendimento. Ambas conversam sobre o resultado do *ombrê*¹¹, tratamento feito anteriormente:

Excerto 1: Procedimento capilar

17	Cabeleireira	Isso é aos poucos mesmo, senão assusta
18	Cliente	é, mas ficou ótimo, <u>todo mundo</u> , nossa mas ficou ma::ra
19	Cabeleireira	ah é, porque era pr:etinho né ?

Nessa etapa do atendimento, a cabeleireira, na linha 17, está se referindo à moderação de intensidade de aplicação do *ombrê*. Por sua vez, a cliente, na linha 18, logo contra-argumenta empregando o operador adversativo (“mas”) para escopar sua satisfação com o resultado do procedimento, também baseada em opinião alheia: “é, mas ficou ótimo, todo mundo, **nossa mas ficou ma::ra**”. Assim, a expressão sublinhada (“todo mundo”), como SN, em terceira pessoa, da configuração sintática [SN ØVDic [S]], introduz locutivamente o primeiro caso de DDFic. Mesmo sem lançar mão do verbo *dicendi*, suprido pela mudança prosódica na fronteira entre introdutor locutivo (“todo mundo”) e estrutura encaixada (“**nossa mas ficou ma::ra**”), a cliente assume a perspectiva de um todo genérico localmente categorizado (agrupamento de terceiros), representando uma metonímia segundo a qual a expressão “todo mundo”, de caráter enfático ou mesmo hiperbólico, referencia apenas algumas pessoas, mas confere mais força ao argumento.

Na linha 18, o recurso à ação de reportar opiniões endossa a satisfação da própria cliente com sucesso do procedimento e faculta maior credibilidade ao resultado.

¹⁰ A expressão *ground* remete à interação entre conceptualizadores primários ao produzirem e compreenderem uma expressão em dada situação comunicativa (LANGACKER, 2008).

¹¹ O termo se refere ao procedimento capilar o qual altera a cor de algumas mechas do cabelo, podendo assumir uma coloração em diferentes níveis de clareamento.

Entretanto, com o uso do molde de discurso direto, é como se “todo mundo” tivesse factivamente proferido a fala encaixada em uníssono ou em coro, o que não é verossímil. Por isso, sobretudo, a perspectivação conceptual adotada é fictiva, embora o fictivo tenha sempre lastro em bases factivas, ora menos ou mais explícitas (ROCHA, 2022). No caso, a factiva tem a ver com as vozes anteriores à cena corrente, as quais individualmente teriam proferido os elogios ao cabelo da cliente, em tempos e espaços distintos. Na verdade, esses interlocutores fictivamente agrupados fazem parte apenas das projeções mentais da referida conceptualizadora, que convida a cabeleireira a acessá-las. Embora cada pessoa possa ter usado expressões diferentes nos elogios, a cliente promove uma síntese fictiva deles, mesclando-os genericamente de uma única forma.

Ao atribuir, então, a fala encaixada (“**nossa mas ficou ma::ra**”) a “todo mundo”, a cliente, a seu modo, (re)constrói, na cena comunicativa corrente, os elogios recebidos, possivelmente para sua própria satisfação. A conceptualizadora demonstra estar cognitivamente alinhada com eles, visto que antes da fala encaixada diz que o procedimento tinha ficado ótimo. Desse modo, pode-se ainda compreender que a realização desse tipo de IF apresenta-se como uma espécie de “solução” encontrada, em oposição ao discurso direto canônico que tende a introduzir um problema (ROCHA, 2022). Isso porque sintetiza discursivamente um alinhamento de pontos de vista (da cliente e de “todo mundo”), cujo propósito comunicativo e retórico é endossar e legitimar o sucesso do procedimento. Faz-se, então, um nítido contraponto ao possível “problema” ressalvado pela cabeleireira na linha 17 (“Isso é aos poucos mesmo, senão assusta”). Ou seja, é justamente no DDFic que se refuta a referida ressalva por meio de um argumento fictivo fundamentado em vozes que já haviam apreciado o resultado bem sucedido, segundo consta, do procedimento na cliente.

Tópico 2: Defeito no ônibus

Nesse tópico, a cabeleireira inicia uma narrativa a respeito do dia em que estava indo para o trabalho, e, no meio do caminho, o ônibus apresentou defeito. Por isso, todos os passageiros tiveram que permanecer um tempo aguardando para seguir viagem:

Excerto 2: Defeito no ônibus

34	Cabeleireira	No::sso Deus
35	Cabeleireira	é, e <u>eu falei</u> , i:::, não adianta não , = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé.]
36	Cliente	[risos]
37	Cabeleireira	[fiquei esperta entrei e sentei], vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora. mas o povo já fica atrasado, [i::: nem esquento.]

Por meio de um recurso intersubjetivo, a interjeição “No::sso Deus”, ainda mais expressiva com o prolongamento da sílaba inicial (: :), a cabeleireira, na linha 34, convida sua cliente a focar atenção no DDFic que está por vir. Na 35, a cabeleireira, já com a atenção obtida, diz: “é, e eu falei, **i:::, não adianta não**, = banquei a esperta [entrei e sentei, que eu tava em pé]”. A expressão sublinhada (“eu falei”) constitui a parte inicial do padrão de *construal* de Discurso Direto Fictivo, este sintaticamente representado por [SN VDic [S]]. Prosodicamente, a referida expressão opera como introdutor locutivo não

apenas para a fala encaixada na linha 35, mas também para a 37 (ambas em negrito), indicando um ambiente propício para a mudança de perspectiva.

Em termos dêiticos, o introdutor locutivo contém o pronome de primeira pessoa (“eu”), somado ao verbo *dicendi* (“falei”), por meio do qual se faz uma referência indireta ao *ground* (“aqui-e-agora”), que é observada pela desinência de pretérito perfeito (“-ei”). O presente se encontra momentaneamente subfocalizado no evento discursivo atual, que, na verdade, focaliza uma Interação Fictiva deslocada deiticamente no tempo e no espaço, sem ancoragem (*grounding*¹²) definida. Nesse caso, a cabeleireira projetivamente toma a própria perspectiva em outro tempo e espaço. O fragmento: “**i :::, não adianta não**”, imediatamente encaixado a “eu falei”, é uma informação linguisticamente codificada no presente, mas adicionada a um evento passado, consistente com a sequência narrativa “eu falei [...] banquei a esperta [...] entrei e sentei”, cuja relação com o *ground* é apenas parcial.

O excerto 2 instaura, então, um jogo de perspectivas, focalizando e desfocalizando a interação factiva em prol do DDFic. Todos os termos negritados nele, sequencialmente, compõem um todo entoacional e conceptual harmônico, que é destoante do grupo entoacional e conceptual formado pelos enunciados que não estão em negrito. Contemplado em conjunto com a observação do deslocamento do centro dêitico da interação factiva em relação ao da interação fictiva, esse aspecto torna-se um indicador de como se pode estruturar o DDFic. Na verdade, a prosódia atua como recurso para dar coerência ao jogo de perspectivas, ora fictivas, ora factivas (ROCHA; ARANTES, 2016). Ou seja, ela também contribui fortemente para estabelecer alternâncias de *construal*.

Na linha 37, a cabeleireira dá continuidade ao DDFic ainda subordinado ao introdutor locutivo “eu falei” (linha 35). Ela mantém a perspectiva de um conceptualizador invocado fictivamente, representado por uma voz interna, codificando o sentimento dela naquela situação comunicativa. A cabeleireira elabora a IF assumindo a perspectiva de um participante insatisfeito, expresso em 1ª pessoa, de modo a manifestar seu próprio descontentamento com o ocorrido. Logo, há um alinhamento entre a voz fictiva do conceptualizador na cena relatada e a opinião da cabeleireira no plano factivo corrente, observável no trecho destacado em negrito: “[fiquei esperta entrei e sentei], **vá tomar banho, vê se eu vou perder tempo de murmurar, quanto mais murmura menos né, mais demora.** mas o povo já fica atrasado, [i:: nem esquento]”.

O destaque desse trecho da linha 37 se justifica também por ser uma evidência plausível de que a cabeleireira não teria falado nada com ninguém no ônibus a esse respeito, visto assumir verbalmente que não perderia tempo com murmúrios. Além do uso do *Frame* de Conversa para enquadrar o que não é relatado como conversa verídica, o conteúdo semântico das informações encaixadas ao “eu falei” também contribui para atestar que ela somente pensou ou sentiu algo no passado que apenas *a posteriori* é estruturado linguística e fictivamente no evento discursivo atual. A propensão à leitura fictiva do que se apresenta no excerto 2 advém do entendimento de que a cabeleireira usa o *Frame* de Conversa para organizar sua autocitação, que é produto de um “pensar alto”, não necessariamente de algo proferido na cena relatada.

Tópico 3: Resultado da escova progressiva

Nesse tópico, a cabeleireira elenca características do que seria um resultado satisfatório referente à utilização de um produto para a execução de uma escova progressiva de qualidade. Defende que a aparência do fio do cabelo, após a aplicação do

¹² O termo *grounding* pode ser compreendido como o ancoramento (ou ancoragem) dêitico de uma expressão ou relação linguística, de acordo com Langacker (2008).

produto, é uma resposta ao nível de eficácia do procedimento e ressalta o aspecto do brilho como indicador de sucesso:

Excerto 3: O resultado da escova progressiva

78	Cabeleireira	não perdeu o brilho né?
79	Cliente	não não perdeu
80	Cliente	aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder, daí <u>eu falei assim</u> , gente o que foi que foi que aconteceu? eu acho que essa progressiva é maravilhosa

Na linha 78, a cabeleireira faz uma afirmação relacionada ao cabelo da cliente e, na sequência, introduz ao enunciado um elemento intersubjetivo atencional (“né”). Desse modo, convida a cliente a se pronunciar sobre o que afirmara na linha 78. A cabeleireira o faz com um tom de quem já dita o conteúdo da resposta, estabelecendo um alinhamento com a sua própria opinião sobre o brilho, não perdido, do cabelo. Imediatamente, a cliente demonstra aceitação ao convite feito pela cabeleireira, atendendo à expectativa de resposta ao dizer, na linha 79: “não não perdeu”. A cliente opta, então, por realizar o enunciado da linha 80, o qual revela a busca por maior grau de expressividade para contrariar a possibilidade de perda do brilho no tocante à dúvida lançada pela cabeleireira na linha 78. Para isso, faz menção às informações anteriormente oferecidas pela cabeleireira: “aquilo que cê falou né, que ia ficar, que ia perder”.

Após a criação de um ambiente discursivo que dá sustentação à IF, a cliente se utiliza da expressão “eu falei assim,” que opera como introdutor locutivo do padrão sintático de *construal* de Discurso Direto Fictivo: [SN VDic SAdv [S]]. Em termos dêiticos, a instância “eu falei assim, **gente o que foi que foi que aconteceu? eu acho que essa progressiva é maravilhosa**” compreende: uma dêixis de pessoa (“eu”), remontando à cliente; um verbo *dicendi* (falar), acrescido da desinência de pretérito perfeito e de pessoa (“-ei”), explicitando-se o sujeito-autor da fala, a cliente, em tempo passado; o advérbio “assim”, de caráter performativo; além da fala fictiva posteriormente encaixada (em negrito). Desse modo, o introdutor locutivo “eu falei assim” promove uma referência indireta ao *ground*, que só é parcialmente perfilado por meio da construção de passado.

Na referida instância, atenta-se para a integração do advérbio “assim” na composição do introdutor locutivo (“eu falei assim”), a qual reforça expressivamente o convite à cabeleireira para se colocar atenta ao discurso fictivo encaixado. Desse modo, a cliente solicita o alinhamento cognitivo da cabeleireira com a perspectiva a ser apresentada. Ademais, o termo adverbial contribui para sugerir o alto grau de comprometimento da cliente com a veracidade da satisfação, encenada imediatamente a seguir com um texto espontaneamente criado e performado (linha 80). Assim, a cliente realiza a Interação Fictiva, assumindo uma atitude de pleno contentamento ao retomar um ponto de vista adotado previamente, produzindo-a no fluxo discursivo justamente por meio de DDFic, que comumente apresenta traços de teatralização.

O uso do *Frame* de Conversa, como ferramenta para a elaboração da IF, é também evidenciado pela interjeição “gente”, marcadamente intersubjetiva, que consiste em uma dupla marcação (em conjunto com o “assim”) de força argumentativa e representativa da metonímia TODO PELA PARTE. A cliente se dirige fictivamente a uma coletividade codificada pelo termo “gente”, que, na verdade, pode representar apenas um interlocutor. Por meio da IF, assume uma perspectiva sobre si mesma ao usar o *Frame* de Conversa

para perguntar “o que foi que foi que aconteceu?”. Ela não obtém uma resposta de seu interlocutor da interação face-a-face, o que contribui para evidenciar que essa não é uma pergunta factiva, cuja resposta seria "aconteceu X". Em vez disso, a própria cliente engata a fala fictiva “**eu acho que essa progressiva é maravilhosa**”.

Tópico 4: Conflito matrimonial

Nesse tópico, cabeleireira e cliente conversam sobre problemas recorrentes no casamento. A cliente fala sobre o comportamento de seu marido com relação aos sogros (pais da cliente), discorrendo sobre as opiniões negativas dele acerca dos sogros e sobre como ele as utiliza para agredir a cliente. Tal comportamento é desaprovado pela cabeleireira, que sustenta sua argumentação no decorrer da conversa por meio de uma extensa IF, na qual realiza algumas mudanças de perspectiva, as quais serão analisadas a seguir:

Excerto 4: Conflito matrimonial

548	Cabeleireira	Mas você deve cortar ele “Cliente” ¹³
549	Cliente	Não aí eu falo mesmo
550	Cabeleireira	Cê fala com ele olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe
551	Cliente	Não eu (.hh) mas eu fico
552	Cabeleireira	Então cê para
553	Cliente	Parei já parei
554	Cabeleireira	Cê para
555	Cliente	Já parei tem um mês
556	Cabeleireira	Cada um com o seu
557	Cabeleireira	cada um com suas coisas
558	Cabeleireira	Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada
559	Cliente	Não, não mesmo
560	Cabeleireira	Entendeu?
561	Cliente	Quem deve é você
562	Cabeleireira	falei você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado
563	Cliente	É::
564	Cabeleireira	Porque eu nunca dei problema para eles
565	Cliente	Pois é
566	Cabeleireira	Cê entendeu?

¹³ Usa-se “Cliente” na transcrição para que se possa proteger seu nome verdadeiro.

567	Cabeleireira	E outra coisa você respeita por que eles são meus pais e aí você também respeita os deles
568	Cabeleireira	Cê dexa pra lá

Na tentativa de persuadir a interlocutora a agir do modo como julga ser adequado, a cabeleireira faz uma recomendação relacionada ao marido da própria cliente, atenuando a fala com o uso do verbo “deve”: “Mas você deve cortar ele ‘Cliente’”(linha 548). Já na linha 549, a cliente acolhe o conselho da cabeleira, porém dá mostras de que já o adota. Insatisfeita, a cabeleireira coloca-se, na linha 550, de modo mais enfático; dessa vez, não modalizado, quando explicitamente ordena: “Cê fala com ele”, que opera como introdutor locutivo, propiciando um ambiente favorável para a ocorrência do Discurso Direto Fictivo a se reportar, cuja base sintática é [SN VDic Sprep [S]].

Em termos dêiticos, ao se detalhar o introdutor locutivo, tem-se o pronome “Cê”, evidenciando que o discurso está sendo direcionado à segunda pessoa, a cliente, que participa do evento comunicativo corrente ancorado no *ground*. Já verbo *dicendi* (“fala”), no imperativo, aciona um comando. Associado ao verbo “fala”, o Sprep “com ele” especifica a quem o comando deverá ser aplicado, ao marido, o que não é suficiente para que a fala encaixada seja factiva. Assim, “Cê fala com ele” funciona como um ato de fala diretivo endereçado à cliente, ocorrendo no *ground*. No entanto, aponta para uma perspectiva diferente do referido centro dêitico do discurso, a qual é parcialmente perfilada, estando indiretamente atrelada ao evento comunicativo corrente. Embora seja uma introdução locutiva realizada no tempo presente, ela remete a projeções de futuro.

Em seguida, na linha 550, a cabeleireira atrela uma IF ao fluxo discursivo, realizando uma encenação: “**olha eu vou te falar uma coisa eu não fico falando do seu pai e nem da sua mãe**”, na qual a cabeleireira assume momentaneamente a perspectiva da cliente. Esse DDFic pode ser compreendido como uma construção pró-factual¹⁴ (ROCHA, 2022), fazendo referência a uma fala a se reportar, pois oferece à cliente o texto que deverá ser dito ao marido, interlocutor fictivo potencial. Para dar início ao diálogo fictivo que compõe a IF prospectiva, a cabeleireira usa o marcador discursivo de atenção “olha”. O propósito é convocar a atenção do marido, não perfilado no *ground*, mas recuperado contextualmente no plano fictivo pelo uso dos pronomes pessoais “te”, como dêixis de pessoa, e por outros índices remissivos como “seu” e “sua”.

A cliente acompanha a encenação realizada pela cabeleireira, discorda da perspectiva oferecida na IF e imediatamente interrompe a encenação, mostrando seu não-alinhamento por meio do enunciado: “Não eu (. hh) mas eu fico” (linha 551). Tal enunciado inibe a cabeleireira de continuar a IF. Pressionada pela não-convergência de pontos de vista, a profissional retoma a perspectiva da cena factiva para exercer um ato de fala diretivo, na linha 552: “Então cê para”. A cliente, na linha 553, responde ao ato diretivo, também no plano factivo: “Parei já parei”. Possivelmente não convicta do posicionamento da cliente, a cabeleireira insiste em ordenar na linha 554: “Cê para”. A cliente, certa de sua posição e atitude em relação ao assunto, mantém sua resposta, acrescentando informação nova na linha 555: “Já parei tem um mês”.

Logo em seguida, sustentada por uma mudança melódica, a cabeleireira persiste no plano fictivo (linha 556), indo com ele até a linha 558. A oitava reiterada dos dados faz perceber que a mudança de perspectiva é inerente ao DDFic, sendo a prosódia

¹⁴ Segundo Rocha (2022, p. 120), a pró-factuality é “uma categoria cognitiva apreendida de estruturas linguísticas que descrevem situações possíveis de ocorrer, permitindo raciocínios válidos com base em premissas potencialmente verdadeiras”.

substancial para a percepção de alterações de alinhamento de ponto de vista. Existe uma coerência discursiva obtida por meio de contornos melódicos adotados na encenação de vozes realizada pela cabeleireira. Percebe-se ainda uma diferença prosódica importante entre os momentos em que a profissional interage com a cliente na situação corrente situada do *ground* e os momentos em que a cabeleireira assume a perspectiva da cliente. Desse modo, pode-se conceber o DDFic como *frame* atencional (LANGACKER, 2008), ou seja, são trechos do discurso que possuem harmonia fonológica; sendo assim, pertencem à mesma janela de atenção.

Na linha 559, a cliente apresenta o primeiro sinal de alinhamento frente à argumentação da cabeleireira, quando diz: “Não, não mesmo”, alinhando-se com o DDFic apresentado pela profissional na linha 558 (“**Você para de criticar meu pai e minha mãe por que eles não te devem nada**”), porém o faz no plano factivo. O enunciado “Não, não mesmo” se mostra prosodicamente harmonizado com todo o conteúdo discursivo presente na interação entre cabeleireira e cliente, ou seja, pertence à mesma janela de atenção, a da interação factiva ancorada no *ground*. Em seguida, na linha 560, a profissional busca se certificar se sua estratégia intersubjetiva-argumentativa por meio da IF está sendo bem sucedida, ao questionar, já alinhada ao *ground*, na linha 560: “Entendeu?”. Em vez de responder à cabeleireira de modo objetivo, dizendo “sim” ou “entendi”, a cliente surpreendentemente escolhe participar da IF que já vem sendo construída pela cabeleireira desde a linha 550. Na 561, assume a perspectiva dela mesma, em outro tempo e espaço diferentes do “aqui-e-agora” e em perfeito alinhamento com toda a cena fictiva encenada pela cabeleireira. A própria cliente se dirige prospectivamente ao marido, quando diz: “Quem deve é você”.

Na linha 562, a cabeleireira mantém a perspectiva da cliente, acrescentando mais material linguístico à fala fictiva: “falei você= eles num te devem nada eles me criaram muito bem criado”. Usa-se ainda a projeção futura do *ground* para cognitivamente se estabelecer a dêixis de pessoa com “você” e “te”, retomando o marido, “-ei” de “falei” e “me”, remetendo à cliente, e “eles” se referindo aos pais da cliente. Já na linha 564, “Porque eu nunca dei problema para eles”, a dêixis de pessoa (“eu”) tem por referente a cliente, cuja perspectiva é tomada fictivamente, e o pronome de terceira pessoa “eles” referencia os pais dela. A fala encaixada da linha 564 se alinha com todo o conteúdo conceptual presente nos enunciados fictivos, inclusive prosodicamente, o que a faz pertencer à mesma janela de atenção, a da Interação Fictiva.

Na linha 567, o DDFic elaborado pela cabeleireira apresenta contornos de encerramento de argumentação, como pode ser observado na IF do trecho destacado em negrito: “**E outra coisa você respeita por que eles são meus pais e aí você também respeita os deles**”. O fragmento salientado desfecha a perspectiva fictivamente assumida por meio das falas encaixadas, com um imperativo que resume toda a argumentação construída e projetivamente deslocada do *ground*. Desse modo, a cabeleireira propõe uma solução para um problema via DDFic (ROCHA, 2022) ao definir um texto prévio, exigindo respeito, para a cliente adotar com o marido. Especificamente no trecho em negrito que corresponde à IF, o pronome “você” remete a ele; “eles” referencia os pais da cliente; e “meus” retoma a cliente. Todo o discurso destacado em negrito compreende um grupo entoacional coeso, ou seja, pertence à mesma janela de atenção, a da Interação Fictiva.

Já em “e aí você também respeita os deles”, linha 567, o grupo entoacional estabelece coesão com o discurso ancorado no *ground*. A cabeleireira, em sua própria voz, dirige-se à cliente (pronome “você”), reivindicando dela uma atitude específica no plano factivo, e o faz de modo a desdobrar a solução apresentada por ela à cliente por meio da IF. Nesse caso, a cabeleireira se encontra perfilada no *ground* e assume a própria

perspectiva, o que pode ser comprovado pelo uso do pronome possessivo “deles” (*sic*, “dele”), que se refere aos pais do marido da cliente, não usando “meus”, por exemplo, como fizera ao assumir a perspectiva da interlocutora. Na linha 568, a profissional se dirige à cliente com “Cê dexa pra lá”, encerrando a conversa sobre o tema em questão e apresentando uma solução adicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns achados da pesquisa, a qual culmina neste artigo, envolvem um percurso teórico-metodológico de investigação de um tipo de IF, o Discurso Direto Fictivo, em dados oriundos de fala espontânea e coletados em um salão de beleza mineiro. Tendo em vista uma abordagem centrada na Linguística Cognitiva, uma série primordial de conceitos deu sustentação ao objeto da pesquisa, em especial os de Interação Fictiva, perspectivação conceptual (*construal*), perspectiva, (inter)subjetividade, alinhamento, entre outros. Em termos metodológicos, optou-se por procedimentos que combinassem a abordagem *corpus-based* com a abordagem *corpus-driven*, priorizando-se o tratamento qualitativo dos dados e considerando-se a natureza do objeto da pesquisa — intuitivamente percebido como característico de contextos de uso cotidiano e potencialmente sinalizador de estratégias discursivas específicas — bem como a natureza dos dados, provenientes de contextos de fala espontânea (ver “Metodologia”).

Sendo assim, levantou-se a hipótese de que a IF, em especial o tipo destacado neste estudo, o DDFic, estruturado por meio do *Frame* de Conversa, exibe um determinado propósito discursivo por parte do falante, ao convidar seu interlocutor a assumir uma dada perspectiva discursiva para obter, em última instância, um alinhamento de pontos de vista sobre um determinado evento discursivo. Por meio de uma análise qualitativa dos dados, identificaram-se quatro padrões de perspectivação conceptual (*construal*) para o DDFic, distribuídos conforme as seguintes bases sintáticas: [SN ØVDic [S]], a qual serviu de base para se discutir o alinhamento cognitivo entre perspectivas afins de interlocutores fictivos, genericamente agrupados e produzindo vozes fictivas em uníssono; [SN VDic [S]], por meio da qual se tratou da tomada de perspectiva de si, pela própria conceptualizadora, mas em tempo e espaço distintos do *ground*; [SN VDic SAdv [S]], que sustentou a tomada de perspectiva de si, pela própria conceptualizadora, em tempo e espaço distintos do *ground*, com o adicional do advérbio, o qual endossa a performatividade da fala fictiva encenada; [SN VDic Sprep [S]], que, quando instanciada, revelou que a possibilidade de se construir uma Interação Fictiva com a dimensão pró-factual de algo pensado para o futuro, bem como a adoção de perspectiva do outro, podendo ser até diante desse mesmo outro.

Defende-se ainda que, do ponto de vista melódico, o fenômeno do DDFic funciona como um *frame* atencional ou janela de atenção, o qual, combinado a padrões sintáticos específicos, assume contornos melódicos também específicos, contribuindo, dessa forma, para a interpretação de uma interação verbal não genuína. Ainda, esses elementos promovem a coerência discursiva no jogo alternado de perspectivas. Ao conceptualizarem uma determinada cena ou evento comunicativo por meio de uma Interação Fictiva em DDFic, falante e interlocutor assumem perspectivas variadas, que podem, de forma mais ou menos implícita, codificar o ponto de vantagem ou ponto de vista assumido sobre o evento discursivo, buscando intersubjetiva e estrategicamente promover um alinhamento cognitivo entre conceptualizadores.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. A. F. O conceito de perspectiva na rede conceptual das construções completivas epistêmicas: o caso das construções intersubjetivas disjuntivas. *Revista Entrepalavras*, v. 9, p. 214-236, 2019.
- ALMEIDA, Sandra; FERRARI, L. V. *Subjectivity, intersubjectivity and epistemic complementation constructions*. Online Proceedings of UK CLA meetings, v. 01, p. 110-127, 2012.
- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*. Vol. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- LODER, L. L.; JUNG, N. (orgs.). *Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.
- MCENERY, T.; HARDIE, A. *Linguistics: method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- PASCUAL, E. *Imaginary dialogues: conceptual blending and fictive interaction in criminal courts*. 2002. 295 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2002.
- PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 2014.
- PASCUAL, E.; SANDLER, S. *The conversation frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- ROCHA, L. F. M. *A construção da mimesis no reality show: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ROCHA, L. F. M. A perspectivização conceptual em Autocitação Factiva e Fictiva. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), v.29, p. 311-339, 2013.
- ROCHA, L. F. M. Autocitação fictiva em português europeu e brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v.58, p.63-92, 2014.
- ROCHA, L. F. M. *Cá, com os meus botões: conversar comigo mesmo por que, para que e para quem*. 2022. Tese (Promoção a Professor Titular). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais.
- ROCHA, L.; ARANTES, P. Intonation of fictive vs. actual direct speech in a Brazilian Portuguese corpus. In: PASCUAL, E.; SANDLER, S. (Eds.) *The conversation frame: forms and functions of fictive interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.
- SILVA, A. S. da. Significado, conceptualização e experiência: sobre a natureza do significado linguístico. *Revista Portuguesa de Humanidades: Braga*, v. 10 1/2, 2006, p. 13-40.

- SILVA, A. S. da. Perspectivação conceptual e Gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades: estudos linguísticos*. Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, vol. 12-1, p. 17-44, 2008.
- TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. 2 volumes. Cambridge, MA: Massachusetts Institute of Technology, 2000.
- TOGNINI-BONELLI, E. *Corpus linguistics at work*. Amsterdam/Atlanta: John Benjamins, 2001.
- TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- VERHAGEN, A. *Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition*. New York: Oxford University Press, 2005.
- VERHAGEN, A. Construal and perspectivization. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
- VERHAGEN, A. Intersubjectivity and the architecture of the language system. In: ZATLEV, J. et al (eds.). *The shared mind: perspectives on intersubjectivity*. Vol.12, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

Recebido: 9/2/2023
Aceito: 18/7/2023
Publicado: 3/8/2023